

Literatura emigrante: narrativas de deslocamentos e realocações em romances de Adriana Lisboa*

*Emigrant literature: narratives of displacements and relocalizations in novels by
Adriana Lisboa*

Vander Vieira de Resende**

Resumo

Narrativas brasileiras contemporâneas figuram a proliferação de deslocamentos, em contexto de intensos trânsitos internacionais, globalização assimétrica, desconstrução de nações, fragmentações de identidades e cisões de sujeitos. Para vislumbrar essa vertente de “narrativas de deslocamentos”, averigua-se a referenciação e representação de mobilidades para além da nação, em especial nos romances de Adriana Lisboa. Considera-se que Lisboa, de modo paradigmático, representa a pluralização de formas de personagens, predominantemente brasileiras, mas não somente, vivenciarem a via de mão dupla de deslocamentos e realocações fora da nação, em uma literatura emigrante.

Palavras-chave

Adriana Lisboa. Deslocamento. Literatura Brasileira. Literatura Emigrante.

Abstract

Contemporary Brazilian narratives figure the proliferation of displacements, in the context of intense international transits, asymmetric globalization, deconstruction of nations, fragmentation of identities and splits of subjects. In order to glimpse this aspect of “displacement narratives”, we investigate the referencing and representation of mobilities beyond the nation, especially in the novels by Adriana Lisboa. It is considered that Lisboa, in a paradigmatic way, represents the pluralization of forms of characters, predominantly Brazilian, but not only, experiencing the two-way street of displacements and relocations outside the nation in an emigrant literature.

Keywords

Adriana Lisboa. Displacements. Brazilian Literature. Emigrant Literature.

* Este texto é uma versão alterada, em termos de ampliação de *corpus*, teorização, análise, reflexão e organização, de texto publicado por RESENDE (2020).

** Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da rede pública do Estado de Minas Gerais.

Narrativas de deslocamentos na literatura brasileira contemporânea

Cosmopolitas ricos, enquanto viajantes, turistas, estudantes e expatriados, movendo-se além de fronteiras nacionais, marcaram presença na série literária brasileira, embora, até poucas décadas, de modo predominantemente referencial e contextual. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, ao lado do recrudescimento da globalização, da transformação vertiginosa dos meios de transporte, do incremento da circulação de mercadorias, capitais e pessoas, da desconstrução de nações e fragmentação de identidades, cada vez mais, narrativas brasileiras figuram, de forma densa, trânsitos para fora da nação, principalmente de cosmopolitas pobres, enquanto emigrantes, exilados e refugiados. Tais narrativas representam diversos tipos e razões para subjetividades experimentarem vidas deslocadas em meio a deslocamentos enformados por tensas relações locais, nacionais e globais. Isso em uma vertente literária que encena, não raras vezes, nações (de) partida em crise e locais de chegada, frequentemente, inóspitos.

Para vislumbrar tal vertente, apresenta-se um rol de narrativas de deslocamentos e, ainda, investigam-se referências e representações de trânsitos internacionais em romances da “literatura emigrante” de Adriana Lisboa. Considera-se que Lisboa, de modo paradigmático, representa a pluralização de formas de personagens, predominantemente brasileiras, mas não somente, vivenciarem a via de mão dupla de processos de deslocamentos e de realizações fora da nação.

Com efeito, os grandes fluxos de deslocamentos intensificaram-se, sobremaneira, para os “Novos Mundos” (Américas e Oceania), a partir da Europa dos séculos XVI ao XIX. Consideravam-se estas como “terras de oportunidades” a serem “desbravadas” por europeus conquistadores, “propagadores da fé”, colonizadores, viajantes-exploradores e aventureiros ou, ainda, perseguidos políticos ou religiosos (SANTIAGO, 2002). Ao longo dos séculos, sobretudo do XIX e da primeira parte do XX, migrantes europeus sem cabedais também partiram para os novos mundos em busca de melhores condições de vida. No entanto, a partir da metade do século XX, os países da Europa ocidental deixaram de ser nações em crise, que expeliam emigrantes para o mundo, e passaram, cada vez mais, a ser locais de destino preferenciais de deslocados internacionais. Isto é, refugiados e migrantes de países periféricos passaram a rumar para a América anglo-saxônica, Europa Ocidental e Japão (sedes de novos e antigos impérios).

Quanto ao Brasil, por motivos diversos, nas últimas décadas, milhões de brasileiros deixaram o país, sentindo-se deslocados ou em risco na nação (de) partida. Como consequência, o número de brasileiros a viver no exterior seria de quase 3,1 milhões, em 2016, conforme dados do Ministério das Relações Exteriores (PAMPLONA, 2018). Em adição, uma pesquisa do Datafolha, em 2018, apontou: “62% dos brasileiros entre 16 e 24 anos gostariam de sair do país” (PAMPLONA, 2018).

Em *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*, Edward Said descreve, resumidamente, alguns dos tipos mais recorrentes de deslocamentos:

O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra “refugiado” tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnordeada que precisa de ajuda internacional. [...] Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. [...] Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar. (SAID, 2003, p. 54)

Recorre-se, portanto, à práxis de Edward Said para uma definição inicial dos tipos múltiplos e heterogêneos de deslocamentos. Said viveu uma vida deslocada exemplar do século XX. Com sua família, foi um refugiado palestino, educado em Jerusalém, Cairo e Princeton, sucessivamente. Tornou-se professor nos EUA e viajou pelo mundo. Em seus escritos e palestras, refletiu de modo crítico e criativo acerca dos deslocamentos e exílios que se ampliaram, significativamente, nas últimas décadas. Segundo números do Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas (UNHCR, 2019), o total de “migrantes” internacionais alcançou a cifra de 285 milhões em 2019. Deslocamentos complexos os quais, ao mesmo tempo em que se articulam a conflitos nacionais, relacionam-se às consequências nefastas de um processo assimétrico de globalização que ocasiona deslocamentos de milhões, em escala mundial. Deslocamentos decorrentes da expansão da globalização ao redor do mundo, com diferenças conjunturais ou “disjunturais” – na expressão pela qual Arjun Appadurai (2005) caracteriza rupturas da conjuntura mundial em tempos de ampliação de interações em larga escala, que reconfiguram economias, sociedades e culturas.

Ingrid Van Rompay-Bartels, a partir de uma extensa pesquisa bibliográfica, aponta uma série de motivos catalizadores das “migrações”, como:

a perda de riqueza, leis opressivas, temor de perseguição política, falta de perspectiva de trabalho, tributação excessiva, etc. [...] uma perspectiva de progresso do bem-estar, dando melhores perspectivas de trabalho, educação, segurança, clima, etc.; [...] desenvolvimento tecnológico, como os dos meios de comunicação e locomoção, [...] motivação econômica de uma vida melhor. (2015, p. 24)

Mais adiante, a pesquisadora apresenta, ainda, outros fatores que motivaram migrações, como “crescimento populacional, perseguição religiosa, perseguição política, exploração e abuso das mulheres, pobreza, [...] desastres da natureza (a), como secas, furacões, terremotos, enchentes, assim como os desastres causados pelo ser humano (b), tais como terrorismo, acidentes nucleares, poluição, guerra, lixo atômico” (VAN ROMPAY-BARTELS, 2015, p. 26-7). Considera, pois, o termo “migração” em sentido amplo, já que esse levantamento poderia ser relacionado a tipos mais específicos de deslocados, como exilados, refugiados e expatriados.

Em meio a tamanha diversidade de deslocados, não se pretende, neste artigo, elaborar uma tipologia exaustiva, mas, nas próximas páginas, realiza-se um levantamento sucinto de romances, na série literária brasileira, que representam deslocamentos ou temas correlatos, sobretudo, para fora da nação.

A série literária em deslocamento

Deslocamentos vêm ocorrendo mesmo antes de o Brasil se tornar nação. A contar do século XVI, tais processos se deixam perceber desde a *Carta*, de Pero Vaz Caminha, nos primeiros cronistas, a exemplo de Antonil, e em poetas, como Gregório de Matos e Thomas Antônio Gonzaga. Como ressalta Maria Pires:

Ao mundo racional, ordenado do viajante-naturalista, ao doce mundo das viagens do personagem jovem e mundano do século XIX, ao mundo sacrificado e laboral do imigrante do início do século XX, contrapõe-se a figura contemporânea do viajante fora das regras, libertário e muitas vezes anônimo da literatura brasileira contemporânea. (2014, p.391)

Sem contar brasileiros que, social e culturalmente marginalizados, constituem-se como quase estrangeiros na própria nação. Já a partir do século XIX, escritores associados ao campo literário refletiam e representavam a condição deslocada de

brasileiros na própria nação. Desses deslocados de longa data não faltam anedotas. Em carta de 1845, Gonçalves Dias expressaria seu estranhamento em terras brasileiras, depois de seu retorno: “Aqui estou como Gulliver quando acordou na terra dos Pigmeus” (1971) – isso apenas dois anos após publicar *Canção do Exílio*. Em *Minha Formação*, de 1899, Joaquim Nabuco destacaria a dubiedade de sentir-se deslocado nas capitais europeias e no Brasil: “De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país” (NABUCO, 1989). Em *Os Sertões*, de 1902, Euclides da Cunha investigaria o “exilado na terra”. E em *Raízes do Brasil*, de 1936, Sérgio Buarque de Holanda afirmaria que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (1995). Já em “As ideias fora de lugar”, de 1973, Roberto Schwarz (1981) discutiria a condição deslocada das ideias na formação cultural e política brasileira. Em *Viagem ao México*, de 1995, Silviano Santiago ficcionalizaria uma viagem com o escritor Antonin Artaud, passada em 1936, na qual o artista francês declararia serem os latino-americanos, incluindo o narrador brasileiro, “uns infelizes em desterrados” (SANTIAGO, 1995), enquanto o próprio narrador afirmaria serem os latino-americanos “uma coletividade de exilados na própria terra” (SANTIAGO, 1995). Assim, segundo perspectivas ideológicas nem sempre convergentes, intelectuais refletiram acerca da condição deslocada de brasileiros: desterrados, exilados, com “ideias fora do lugar”, ou no “entre lugar”. Tais anedotas, colhidas meio aleatoriamente, fazem parte de um amplo acervo de narrativas, cartas, autobiografias e textos críticos que aludem à inadequação e a deslocamentos reais e simbólicos de brasileiros na própria nação.

Literatura imigrante

Além dessas amostras, a série literária brasileira também se encontra povoada de personagens que partiram de vários pontos do globo rumo ao Brasil, constituindo uma “literatura imigrante” (CURY; ALMEIDA, 2018). Uma vertente literária que destaca a vinda para o Brasil de diferentes grupos identitários: portugueses, espanhóis, italianos, alemães, árabes, russos, judeus, japoneses. Nessa literatura, a migração dos “turcos” (muitas vezes, de fato, libaneses que viajavam com passaporte turco) já havia sido narrada por autores como Jorge Amado, por exemplo, nas narrativas de seu “ciclo do cacau” e em seu último livro: *A descoberta da América pelos Turcos* (1992). Nas últimas décadas, entre outros romances que focalizaram essa corrente migratória, destacaram-se *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois*

Irmãos (2000), de Milton Hatoum; *Amrik* (1997), de Ana Miranda; *Nur na escuridão* (2000), de Salim Miguel. Já a diáspora judaica no Brasil foi representada em livros como: *Contos do Imigrante* (1956), de Samuel Rawet; *A majestade do Xingu* (1997), de Moacyr Scliar e em vários outros romances e contos desse último autor; *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *Diário da Queda* (2011), de Michel Laub; *Amanhã não tem ninguém* (2013), de Flávio Izhaki; *Deserto* (2013), de Luis S. Krausz. Quer seja de judeus alemães, poloneses, russos ou de turco-judeus, a diáspora judaica tem sido representada em uma série de narrativas, que negociam – de forma quase sempre crítica – com a herança judaica. Quanto à imigração japonesa, migrantes e seus descendentes, em papéis principais ou secundários, estão presentes em *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum; *O Sol se Põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho; *Rakushisha* (2009), de Adriana Lisboa; *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato. Romances que representam migrantes japoneses em vários locais do Brasil, do interior da Amazônia ao de São Paulo, até nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Personagens que tantas vezes se desconectaram das tradições e da língua japonesa.

Em meio a muitas outras diásporas, esse elenco inicial permite atestar a multiplicidade de narrativas da “literatura imigrante”, com a representação também, ou principalmente, de descendentes nascidos no Brasil, que experimentam uma condição recorrente de serem deslocados na nação, vivenciando conflitos relacionados a processos de adaptação cultural e integração social à sociedade e cultura brasileira.

Literatura emigrante

Na série literária proliferam, também, referências a personagens que se deslocam para fora do Brasil. No século XIX e primeira metade do século XX, era predominante o destino ao “Velho Mundo”. As desventuras de deslocados brasileiros aparecem em obras de autores como Machado de Assis, que alude a várias dessas personagens sobretudo na Europa, a exemplo de Capitu e Ezequiel, em *Dom Casmurro* (1899) e dos narradores de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Há, também, referências a personagens em trânsito em romances tão diversos como *Lucíola* (1862), de José de Alencar; *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães; *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *A Falência* (1901), de Julia Lopes

de Almeida; as *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade, entre tantos outros. Diversamente de muitas narrativas contemporâneas, em momentos anteriores à metade do século XX, havia, predominantemente, apenas referências breves e alusões às experiências vividas para além das fronteiras nacionais. Cada um dos deslocados nos romances supracitados viajava à Europa como viajantes, turistas, estudantes ou expatriados, cosmopolitas ricos, por períodos curtos ou médios. Seus deslocamentos eram, em grande parte, representados, majoritariamente, *en passant*, ou meramente aludidos como parte da contextualização de personagens tantas vezes problemáticas.

Nas últimas décadas, torna-se mais complexa a vertente dos deslocamentos, pois se publica um grande elenco de romances que colocam em cena trânsitos ao redor do mundo. Entre os estudos literários brasileiros que abordam essas narrativas, citem-se trabalhos que analisam romances produzidos por brasileiros escrevendo “literatura de emigração” (PIRES, 2014) ou “romances em trânsito” (MELO, 2019). Em sintonia com essa produção literária, a editora Companhia das Letras lançou o projeto multimídia “Amores Expressos”. A editora contratou dezesseis escritores e os enviou para dezesseis países diferentes para narrarem histórias de amor e trânsitos, em complexos contatos transculturais. Entre as narrativas publicadas estão: *Cordilheira* (2008), de Daniel Galera; *O filho da Mãe* (2009), de Bernardo Carvalho; *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato; *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de João Paulo Cuenca (2010); *O livro de Praga* (2011), de Sergio Sant’Anna. A coleção “Amores Expressos” ilustra a representação das muitas mobilidades globais na literatura brasileira, o que atesta, além de valores literários, culturais, performáticos, um crescente valor de mercado das “narrativas de deslocamentos”.

Nessa vertente literária, representam-se trânsitos de personagens de classe média ou média-alta, e, até mesmo, baixa, cosmopolitas ricos e pobres, que saem do Brasil por curto, médio ou longo prazos, ou, até, “definitivamente”. O levantamento a seguir não tem a pretensão de ser um rol exaustivo, mas referencia romances publicados nas duas primeiras décadas do século XXI, nos quais se representam tipos diversos de viagens/turismo, expatriações, emigrações, exílios e, até, uma nova diáspora. Isso em romances nos quais cidades estrangeiras configuram-se como locais de passagem para um tipo indeterminado, meio turista, meio viajante, meio

aventureiro: *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008); *Dois Rios* (2011), de Tatiana Salem Levy; *Enigmas da Primavera* (2015), de João Almino; *Deserto* (2016), de Luis S. Krausz. Há, inclusive, romances em que brasileiros tentam deixar o Brasil, mas não conseguem, como em *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho.

Ressaltem-se algumas narrativas de “expatriação”. Emprega-se o termo em uma perspectiva contemporânea, na qual se enfatiza seu caráter voluntário. Nancy Green (2009) relaciona-o, no século XIX, a estrangeiros que emigravam para os Estados Unidos (EUA) e, no início do século XX, a estadunidenses que abdicaram ou foram privados da cidadania. A partir da metade do século XX, “expatriação” articulou-se com a globalização econômica e cultural, intensificada a partir dos anos 1960. Associa-se, nesse caso, a sujeitos que se deslocam de seus países, geralmente para cidades globais, com empregos assegurados, em trabalhos qualificados e especializados, para governos, organizações não-governamentais, instituições multilaterais, empresas multinacionais, corporações transnacionais. Personagens expatriados emergem, por sinal, em *Mongólia* (2003), de Bernardo Carvalho; *Berkeley in Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll; e *Flores Artificiais* (2014), de Luis Ruffato. Embora, em sentido amplo, haja uma pluralidade de deslocados que poderiam ser caracterizados como expatriados, devido a deslocarem-se por prazos indefinidos por questões de estudo e/ou trabalho, como representados em *Toda Terça* (2007), de Carola Saavedra; *Algum Lugar* (2009), de Paloma Vidal; *A maçã envenenada* (2013), de Michel Laub; *Rio-Paris-Rio* (2016), de Luciana Hidalgo.

Interessante fazer algumas diferenciações, como aquelas que Gínia Gomes aponta entre “migração” e “exílio”: o primeiro seria “voluntário” e o segundo involuntário. Problematiza tal diferenciação, porém, ao afirmar que não haveria uma “separação tão estanque” (GOMES, 2015, p. 2), já que, na migração, seria “a questão econômica a causa determinante, [em que] aqueles que decidem pela partida não o fazem senão pela falta de perspectivas no país em que vivem” (GOMES, 2015, p. 2). Embora haja um aspecto predominantemente voluntário, também enfatizado por Edward Said (2003), na migração não deixa de haver, em muitos casos, uma coerção decorrente do fator econômico. A busca pelas terras de oportunidades surge em narrativas que figuram nações estrangeiras como locais de chegada, onde deslocados almejam realizar seus sonhos e (re)construir vidas fora da nação de partida, como ocorre em *Budapeste* (2003), de Chico Buarque; *Estive em Lisboa e lembrei de você*

(2009), de Luiz Ruffato; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre. Narrativas de deslocamentos e realocações em que, por uma série de imbrólios, personagens se tornam indefinidamente emigrantes. Vivenciavam crises antes de partir do Brasil, que não se resolvem no estrangeiro, ou, de fato, muitas vezes, lá se agravam.

Entre vários pensadores que se debruçam sobre conceitos associados aos deslocamentos e a suas nuances, muitos destacam a polissemia dos termos. Por exemplo, considerando sentidos de “exílio”, Núbia Hanciau distingue: “de um lado o ‘exílio exterior’, a ruptura com o território da origem e as dificuldades da integração em uma civilização diferente, encarnada na figura do estrangeiro, do outro, o ‘exílio interior’, ou interno (psíquico e físico)” (2009, p. 269). No “exílio interior”, Hanciau salienta o plano do imaginário, já no “exílio exterior”, o plano espacial, em sentido geocultural. Contudo, embora haja essa polissemia, neste texto, emprega-se o termo predominantemente em um sentido mais estrito, isto é, se refere ao que Hanciau caracteriza como “exílio exterior”. Nesse sentido, o termo descreve a condição de deslocamento daqueles que abandonam “sua” nação devido à necessidade premente de fuga por perseguições políticas e/ou ideológicas. Utilizando-se do termo, em sentido amplo, para Nelson Vieira (2016, p. 49), ele se traduziria em um “fenômeno evocado na literatura relativamente recente, emergindo na década de 1990, até nossos dias”. Em sentido estrito, porém, configurou-se o “exílio” político-ideológico em romances tão diversos como *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles; *O Que é isso companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira; *Stella Manhattan* (1985), de Silviano Santiago; *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado. Narrativas em que se figura o exílio, preponderantemente, como uma experiência traumática, por meio de memórias submersas e angustiantes.

Nas últimas décadas, referências se ampliam e representações se complexificam, quanto ao exílio, em narrativas tão díspares e nuançadas quanto: *Cinzas do Norte* (2005) e *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum; *Samba Dreamers* (2006), de Kathleen de Azevedo; *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho; *Diário da queda* (2011), de Michel Laub; *Amores exilados* (2011), de Oliveira Neto; *Mar Azul* (2012), de Paloma Vidal; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre; *Flores Artificiais* (2014), de Luis Ruffato; *A resistência* (2015), de Julian Fuks. Essas são algumas entre dezenas de narrativas perpassadas por deslocamentos

traumáticos em que personagens saem do Brasil, ou de outras nações, por uma necessidade premente: sobrevivência.

Há, ainda, diásporas, como a judaica, em narrativas que, muitas vezes, representam ou referenciam a adaptação de imigrantes judeus no Brasil, seguida da rediasporização de filhos ou netos, como em: *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *Amanhã não tem ninguém* (2013), de Flávio Izhaki; *Desterro* (2011), de Luis S. Krausz. Outra diáspora seria a japonesa, com nipo-brasileiros deixando indefinidamente o Brasil, como referenciado em *O Sol se põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho, e *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato. No primeiro, a irmã do narrador, no segundo, o próprio narrador, ao final, deslocam-se para a terra de seus antepassados, em busca de trabalho.

Estas e outras narrativas aludem ou figuram, também, uma incipiente diáspora brasileira: *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre; *Irmão Alemão* (2014), de Chico Buarque; *Com armas sonolentas* (2018), de Carola Saavedra. Nesses romances, há, respectivamente: judia-luso-brasileira, brasileiro-russo, brasileiro-sueco, brasileiros-alemães. Isto é, filhos de brasileiros que vivenciam consequências transgeracionais de exílios, emigrações e expatriações.

Cada uma dessas narrativas de deslocamentos, de modos peculiares, figura subjetividades, tantas vezes, em conflitos identitários, vivenciando um trabalho de memória quase sempre contraditório, em um tempo heterogêneo e em um mundo interconectado. A esses aspectos associa-se a problematização dos processos transculturais, decorrentes de múltiplos contatos e da necessidade de negociação, adaptação cultural e integração social aos locais de chegada. Lugares em que tantas personagens deslocadas são transformadas e, dialogicamente, transformam outros.

Vale apresentar brevíssimos detalhes quanto a alguns romances que situam brasileiros pelo “mundo, vasto mundo” – para utilizar o verso de Drummond. Assim, em *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, ao retornar a Manaus, a narradora – que fora criada como agregada a uma família de imigrantes libaneses – escreve ao irmão, expatriado na Espanha, relatos sobre vários membros e amigos da família estendida, buscando compreender os traumas e conflitos familiares. Em *A Majestade do Xingu* (1997), de Moacyr Scliar, o narrador-personagem – imigrante judeu-russo – ficcionaliza e idealiza a história de um compatriota (que o acompanhara

na viagem de imigração ao Brasil), para o filho exilado na França. Em *O sol se põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho, o narrador – descendente de imigrantes japoneses – viaja para o Japão (onde visita sua irmã “dekassegui”, operária em uma grande fábrica), em busca de solucionar uma história obscura ocorrida no Japão nos anos 1940, que lhe fora contada por uma japonesa que imigrara para o Brasil à procura do marido exilado no interior de São Paulo, no pós-Segunda Guerra Mundial. Em *A maçã envenenada*, de Michel Laub (2013), o narrador – residente em São Paulo, que saiu de Porto Alegre na juventude e estudou na Inglaterra – articula as histórias de seus deslocamentos, da morte de sua primeira namorada, do suicídio do roqueiro internacional Kurt Cobain e de “superação” de Imaculeè Ilibagiza (ruandesa da étnica tutsi, refugiada nos EUA, que viaja pelo mundo a narrar traumas decorrentes do genocídio dos tutsis pelos hutus).

Além desses, muitos romances representam deslocamentos contemporâneos diversos, em tempos múltiplos e para locais de chegada ou de passagem variados. Merecem destaque duas outras narrativas que representam, de forma detalhada, em um mesmo romance, vários tipos de deslocamentos contemporâneos transgeracionais e transnacionais: *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, e *Flores Artificiais* (2014), de Luiz Ruffato. No romance de Levy, narram-se deslocamentos da narradora e de sua progênie: o exílio de antepassados judeus da Espanha para a Turquia, no século XVIII, devido à perseguição religiosa durante a inquisição; a imigração da Turquia para o Brasil, pelo avô que escapa de alistamento militar obrigatório em busca melhores condições de vida; o exílio político dos pais motivado por perseguição da ditadura militar brasileira, nos anos 1970, para Portugal, onde nasce a narradora; o retorno empolgado do pai e reticente da mãe para o Brasil, após a Lei da Anistia, em 1979; a viagem da narradora-protagonista, nos anos 2000, para Istambul, e seu “reencontro” com parentes distantes, em Esmirna, interior da Turquia; bem como uma aventura romântica na cidade de Lisboa, sua terra natal.

Já *Flores Artificiais* (RUFFATO, 2014) representa um grande elenco de mais de uma vintena de deslocados internacionais. Em cada uma das oito narrativas que constituem o romance, há, pelo menos, dois personagens que transitam entre fronteiras nacionais e que entram em contato direto ou indireto com o narrador Dório Finetto. Descendente de italianos que imigraram para o Brasil no século XIX, Finetto dividia sua residência, desde os anos 1980, entre o Rio de Janeiro e Nova Iorque.

Trabalhava como consultor de projetos do Banco Mundial, o que o levou a deslocar-se pelo mundo por quase trinta anos. Ao lado dos trânsitos próprios, Finetto narra histórias de emigrantes, exilados, apátridas, refugiados e outros que se movem além de fronteiras nacionais: o inglês expatriado Bobby, de “Uma história Inverossímil”, lutou como soldado do exército imperial inglês e como mercenário na África, radicou-se no Brasil; o exilado argentino Marcelo, de “Comer Sushi em Beirute”, residente em Toulouse, França, dava aulas em Beirute; a luso-moçambicana retornada Susana, da narrativa homônima, se formou em Letras em Portugal e ministrou aulas em várias ex-colônias portuguesas, até evanescer no Timor Leste; um aragonês não-nomeado, em “Presente Absoluto”, lutou na guerra civil espanhola dos anos 1930 e exilou-se na Argentina, não retornando para a Espanha após o fim da ditadura de Franco; um turista/viajante estadunidense, também não-nomeado, em “O homem que não tinha onde cair morto”, lutou na guerra do Vietnã e se encontra com Finetto em San Juan, Porto Rico. Tantos personagens que em suas vidas deslocadas experimentaram uma gama variada de deslocamentos no espaço e no tempo.

Embora cada romance tenha suas peculiaridades, representam multideslocamentos internacionais, além de distintos locais de passagem e/ou de chegada, em múltiplas temporalidades e, por vezes, vozes. Alguns aspectos recorrem como a fuga traumática por desespero, ou a saída por desilusão e desamparo. Em meio a experiências dramáticas, representa-se a partida de tantos personagens frustrados, desiludidos em relação à comunidade nacional. De onde partem, em vários casos, sofreram devido à repressão política e ao medo da tortura física e psicológica, representado nas ficções que se passam durante a ditadura militar, ou em decorrência de crises subjetivas, poucas possibilidades de ascensão social e fuga de violência estrutural. Aonde chegam, a situação nem sempre é melhor, como se entreveria na série de desventuras vivenciadas na busca de se realocizarem no estrangeiro, que nem sempre se constitui como “terra de oportunidades”. Desse modo, várias narrativas representam, de forma agônica, relações globais-nacionais-loais e interseções assimétricas entre a nação (de) partida e o mundo globalizado, no qual o estado-nacional se insere marginalmente. Assim, tantos textos literários brasileiros contemporâneos figuram distopias e crises em uma literatura emigrante.

Narrativas de deslocamentos e realocações de Adriana Lisboa

Em meio a inúmeros trânsitos literários, vislumbrem-se multideslocamentos vivenciados por personagens de Adriana Lisboa. No primeiro romance de Lisboa, *Fios da Memória*, Beatriz narra a genealogia da “família Brasil”. A história familiar inicia-se com as peripécias de Eustáquio Miranda, em sua busca por riqueza, ainda em Portugal. Após arrastar a esposa Maria para o Brasil, Miranda aumentou a fortuna como cafeicultor-escravocrata. Será nas margens da família formal, fora de laços afetivos, que se inicia a “*Família Brasil*”, com o nascimento em 1832 de Catarina, em decorrência do estupro continuado de uma escravizada angolana, renomeada “Joaquina”, pelo novo barão do Império. Após a morte de Eustáquio, a baronesa concede “a alforria a onze escravos que trabalharam na casa” (LISBOA, 1999, p. 77), entre eles Catarina. Logo depois deixa o Brasil.

[e]m Paris, Maria Miranda viveu ao lado do filho Francisco durante mais de trinta anos, divorciada do passado; a fortuna obtida com a venda da fazenda, da chácara no Rio de Janeiro e da maior parte dos escravos permitiu a ambos uma existência mais que confortável. (LISBOA, 1999, p. 78)

Ilustra-se como a família/nação Brasil fora estabelecida, desde sua origem, a partir de relações assimétricas de poder: escravização, estupro e exploração.

Fios da Memória situa, então, cinco gerações de descendentes da afro-brasileira Catarina, até o final do século XX. A família Brasil ascende socialmente, e Beatriz faz inúmeras referências a disseminações pelo Brasil e pelo mundo. Inicialmente o bisavô paterno, seminarista-missionário, parte para o Amazonas, na década de 1910. Já na segunda metade do XX, há alusões a tias da narradora deslocando-se fora do Brasil: Eugênia transita pela Europa, nos anos 1960, antes de se divorciar do marido, proprietário de uma agência de viagens; Heloísa, guerrilheira comunista, exila-se na Inglaterra, em 1971, onde se une a um milionário inglês, Christian Parry, retornando ao Brasil após a lei da Anistia; já Ludmila casa-se com o israelense Schloime Goldman nos anos 1960 e, em algum momento após 1994, muda-se com o marido para um *Kibutz* em Israel. Quanto aos primos de Beatriz, Davi Goldman expatriara-se em Israel, antes dos pais; e outros primos rumavam para São Paulo e Recife, com viagens eventuais à Europa. Quanto aos pais de Beatriz, desde os anos 1960, “resolveram experimentar os não tão diversos mistérios do amor diante dos canais de Veneza ou sob os frios augúrios do Aconcágua” (LISBOA, 1999, p.

214). E, ao final da narrativa, no crepúsculo do século XX, após algumas tragédias familiares: “partiram direto para o México, era preciso voltar a viajar” (LISBOA, 1999, p. 216-217). Nessas viagens, “compraram a casa em Cozumel”, um ponto turístico no litoral mexicano. Beatriz torna-se a última remanescente a permanecer na caótica e deslumbrante cidade do Rio de Janeiro, no obsoleto “Bairro Brasil”, vivendo em reclusão e isolamento, a narrar a genealogia familiar. O romance talvez pudesse ser considerado como uma alegoria da nação, não em uma perspectiva de constituição de laços afetivos, sociais e comunitários, mas, sim, da dissolução desses, em decorrência de inúmeros conflitos, violências, crises e traumas.

Transite-se, agora, pelo aclamado *Sinfonia em Branco* (2013), publicado em 2001 e distinguido com o prêmio José Saramago, em 2003. A história se passa, principalmente, no Rio de Janeiro e Jaboticabais, onde nasceram Maria Inês e Clarice. Ao longo da narrativa, referenciam-se dezenas de trânsitos internacionais, como o de Maria Inês e de João Miguel, que seguem para os Estados Unidos em lua de mel, financiada pelo pai do noivo, que forneceu:

[...] passagens aéreas para Nova York, onde havia um quarto de hotel no Upper East Side reservado para eles por uma semana. E deu um punhado de dólares para que gastassem por lá, nos musicais, nas peças de teatro, nos restaurantes, nas lojas da Fifth Avenue. (LISBOA, 2013a, p. 244)

Há diversos outros deslocamentos a que também, no geral, apenas se alude sem riqueza de detalhes ao longo da narrativa. Usando como referencial a cosmopolita Maria Inês, há: a própria, sua filha Eduarda e seu marido João Miguel, em viagens pelos EUA e Europa, principalmente por cidades históricas como Veneza e Florença; uma tia-avó que presenteia Otacília, mãe das protagonistas, com uma sapatilha comprada em Paris; o sogro expatriado *vecchio* Azzopardi, proprietário de uma vila na Toscana e que viajara pela Europa e pelos Estados Unidos com suas amantes; uma prima que comprara uma blusa em um “sebo” londrino; o amante e cantor transnacional Bernardo Águas e seu *mapa mundi* pontilhado com namoradas; os pais do ex-amante Tomás, exilados da ditadura brasileira, no Chile dos anos 1970. Embora haja referências a estes exilados em Santiago do Chile, salientam-se, sobretudo, cosmopolitas ricos e de classe média, cujos destinos são pontos turísticos internacionais e/ou cidades globais. Através desses exemplos, *Sinfonia em Branco* expõe vislumbres de motivos tradicionais dos deslocamentos para fora da nação na

série literária brasileira: demonstração de mundanidade, formação cultural e de capital simbólico, bem como de *status* social.

Diferentemente desses dois romances, em *Um beijo de Colombina* (2003), o narrador apenas referencia uma viagem internacional. Antes de conhecer sua companheira-escritora Tereza, ela viajara para fora do Brasil, com uma ex-namorada, também de nome Teresa, que

[...] tinha uma filha que morava na Tailândia [...]:

A gente costuma ouvir dizer que as pessoas foram morar nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Portugal, mas nunca conheci ninguém que tivesse ido morar na Tailândia.

Pois é, mas lá é tão bonito, eu e Teresa fomos visitar a filha dela faz dois anos. (LISBOA, 2003, p. 20).

A referência emerge, principalmente, para contextualizar a relação do narrador e de sua companheira. Não se narram peculiaridades do deslocamento da jovem, nem se explicitam os motivos.

Cada um dos trânsitos internacionais desses três romances não é figurado de forma aprofundada, mas é tratado *en passant*. Contudo, a maioria afeta significativamente as subjetividades das personagens protagonistas em deslocamentos, algo que se intensificará nos romances subsequentes de Lisboa.

Rakushisha (2014), com primeira edição publicada em 2007, compõe-se de histórias paralelas dos brasileiros Haruki e Celina, em trânsito pelo Japão, além de haicais e de partes de um diário de viagem de Matsuo Bashô. O nipo-brasileiro Haruki Ishikawa nasceu no Brasil, filho de imigrantes japoneses. Ele residia no Rio de Janeiro. Solteiro, com exceção de acontecimentos específicos, viveu sem maiores contatos com as tradições e a língua japonesa. Até o presente da narrativa não estabeleceu “[n]enhum vínculo com o país de seus antepassados. Nada. Nenhuma informação, nenhuma curiosidade” (LISBOA, 2014a, p. 35) por um “Japão ignorado por quarenta anos” (LISBOA, 2014a, p. 16). Mesmo assim, contrataram-no para ilustrar a tradução brasileira do *Diário de Saga* (1694), do samurai-poeta Bashô (1644-1694). O diário fora traduzido por Yukiko Sakade. Diferentemente de Haruki, a nipo-brasileira Yukiko construiu fortes conexões com o Japão, inclusive estudando em Tóquio.

A outra protagonista do romance, Celina, desloca-se em vários sentidos. Nascida e criada no Recife, migrou para o Rio de Janeiro. Após alguns anos, casa-se com Marco, com quem tem uma filha. Quando Alice tinha sete anos, morre em um

acidente de carro nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Marco dirigia. Devido ao trauma decorrente da morte da filha, Celina entra em crise profunda, abandona o marido e isola-se. Ao se iniciar a narrativa, mesmo após anos, Celina ainda vive com intensidade o luto e a dor pela perda traumática. Simboliza a relevância da viagem ao Japão o romance se iniciar com uma caminhada pelas ruas de Quioto, onde Celina ficará sozinha após alguns dias, enquanto seu companheiro de viagem visita Tóquio. Na narrativa, a antiga capital do Japão constitui-se como uma cidade marcada pela solidariedade e hospitalidade em relação aos turistas e visitantes estrangeiros, em contraponto à frieza da atual capital japonesa e ao frenesi e caos do Rio de Janeiro. Durante a estadia em Quioto, ela inicia a escrita de seu próprio diário pessoal, visita biblioteca, livrarias e uma infinidade de templos, lê a tradução do *Diário de Saga*, haicais e outros textos, bem como conhece a “Rakushisha” – “cabana dos caquis caídos” –, local onde Bashô escrevera, mais de três séculos antes, o diário narrando, também, a visita à cidade de Quioto e a casa de um de seus discípulos.

Mencionam-se outras personagens em deslocamento, como a ex-estudante e tradutora Yukio Sakade e o pai de Haruki, que migrara décadas antes para ao Brasil. Contudo, o foco incide nas histórias dos dois brasileiros em viagem pelo Japão, vivenciando um amplo leque de deslocamentos físicos, culturais, subjetivos, simbólicos e afetivos. Haruki e Celina assemelham-se a tantos viajantes brasileiros no estrangeiro descritos na série literária brasileira, cujos trânsitos internacionais seriam apresentados como possibilidades de aprendizado, quer seja cultural, quer seja subjetivo. Embora seus deslocamentos se diferenciem da maioria daqueles, pois representam-se crises subjetivas vivenciadas não apenas antes ou depois, mas, predominantemente, durante os trânsitos internacionais, esses dois deslocados, ainda que vivenciem a viagem de formas distintas, dela haurem uma forma de introspecção no caminho do conhecimento de si e de aceitação do outro. No entanto, ainda que se transformem com a viagem e reconfigurem subjetividades e afetividades, bem como reorganizem suas vidas, Haruki e Celina vivenciam nações estrangeiras como locais de passagem e, ao final, retornam ao Brasil.

Já os deslocamentos representados em *Azul corvo* (LISBOA, 2014b), originalmente publicado em 2010, são bem mais diversificados. Isso em um romance cuja narradora mexicana-brasileira-marfinense-estadunidense intercala a sua história pessoal de mobilidade com a de familiares, amigos e colegas – personagens que

tiveram como local de chegada, principalmente, os Estados Unidos (EUA). Vanja nasceu nos Estados Unidos e foi trazida para o Brasil no início dos anos 1990, aos dois anos, por sua mãe, a brasileira-estadunidense Suzana. Um ano depois da morte de Suzana, Vanja, aos 13 anos, “retorna” ao país em que nasceu, em busca de Daniel, seu desconhecido pai biológico. Nos EUA, mora com Fernando, em Lakewood, no Colorado. Nos anos 1980, o brasileiro casara-se com Suzana e, embora já separados por alguns anos, quando Vanja nasceu, ele a registrou como filha.

Suzana fizera um percurso inverso. Nascida no Brasil, de mãe e pai brasileiros, no final dos anos 1970, após a morte da mãe, foi levada para os EUA por seu pai, Abner. Nas palavras de Vanja: “Aos nove anos de idade minha mãe já não tinha mais mãe, e foi para o Texas com o pai geólogo [...]. Minha mãe cresceu no Texas” (LISBOA, 2014b, p. 36). Tornou-se adulta nos EUA, tendo se naturalizado estadunidense, onde foi professora particular de línguas espanhola e portuguesa. Conviveu com estadunidenses, brasileiros e latinos, bem como fez viagens intercontinentais, como aquela em que conheceu Fernando, em Londres. Em seus 41 anos de vida, com sua dupla cidadania, foi uma criança imigrante, uma turista internacional e uma ex-emigrante brasileira “retornada” dos EUA, o que torna desnecessário definir – assim como em relação a sua filha – um tipo específico de deslocamento que a caracterizaria. Já Fernando nasceu e foi criado em Goiás. No final dos anos 1960, ingressou no curso de Geografia, na Universidade de Brasília, e na dissidência ao regime militar brasileiro. Nessa época, viajou para a China comunista, para treinar técnicas de guerrilha e de insurgência. De volta ao Brasil, morou algum tempo no interior da Bahia e depois rumou para o Pará, onde participou da Guerrilha do Araguaia – movimento revolucionário que se insurgiu contra o governo militar brasileiro nos anos 1970. Após participar de algumas ações menores, quando as intervenções subversivas ficaram mais arriscadas e ousadas e a repressão aumentou, desertou da luta armada e exilou-se na Inglaterra. Residiu por alguns anos em Londres, até se apaixonar pela turista Suzana. Então ele emigrou para os EUA. Mesmo após o fim do casamento, permaneceu nos EUA, até sua morte, no final dos anos 2000.

Vanja também conta detalhes dispersos a respeito de Daniel, seu pai biológico, mas sem se aprofundar em termos de subjetivação. Mesmo assim, sabe-se que o pai viveu uma intensa vida deslocada. Filho da estadunidense Florence e do mexicano

Jesus, nasceu em Abidjan, na Costa do Marfim, onde residiu até o retorno da família aos EUA. Durante os anos nos EUA, morou em Albuquerque, onde teve um breve relacionamento com Suzana. Viveu em cidades como San Antonio, no Texas. Depois, retornou à sua terra natal, onde se casou e teve filhos. Ele não soube da filha com Suzana, até que Vanja lhe procurou. Após receber a visita da filha em Abidjan, Daniel a visita nos EUA, durante uma viagem a trabalho.

Outro deslocado, proveniente de El-Salvador, o migrante *sin papeles* Carlos chegou aos Estados Unidos ainda criança. Não há muitos detalhes a respeito da vida pregressa do menino e de seus familiares em El-Salvador, tampouco se explicitam os motivos que os levaram a migrar para os EUA, para além da questão da busca de oportunidades de trabalho para os pais e de educação para Carlos e para sua irmã Dolores. Esta “trabalhava como camareira em um *tech center* [enquanto sonhava em] estudar medicina em Harvard” (LISBOA, 2014b, p. 138). Quando conhece Vanja, Carlos está com aproximadamente oito anos e, como a narradora, passa por um processo conturbado de formação nos EUA. Há ainda referências aos trânsitos internacionais de Isabel e June. Isabel foi amiga próxima de Suzana, nos EUA. Nasceu e cresceu em Porto Rico e residia em Albuquerque, Novo México: “Eu vim para cá aos dezoito anos, disse Isabel. Depois voltei para San Juan. Depois vim de novo. Comecei a trabalhar, conheci meu marido, parei de trabalhar” (LISBOA, 2014b, p. 275). Esse trecho expressa um comportamento recorrente, o qual Sônia Torres define como “migração circular porto-riquenha (também conhecida como *vá y vén*, ou *vaivén*)” (2001, p. 14, grifos da autora). June também foi amiga de Suzanna e auxilia Vanja na busca pelo pai. Nascida nos EUA, criada na Inglaterra, retornou aos EUA na idade adulta. Filha de um indígena da nação Zuni e de uma inglesa especialista em línguas nativas norte-americanas, a zuni-estadunidense-britânica ministrava aulas de piano e residia, quando Vanja a conheceu, em Santa Fé, no Novo México.

Azul corvo representa ou referencia mais de uma dezena de personagens deslocadas, cujas experiências de migração, exílio ou expatriação delineiam deslocamentos que os transformam em termos não apenas subjetivos, mas, também, identitários. Em contraponto a *Fios da Memória*, *Sinfonia em Branco*, *Beijo de Colombina* e *Rakushisha*, em *Azul corvo*, muitos deslocados não estão apenas de passagem fora da nação (de) partida, mas buscam reconstruir suas vidas por meio de

deslocamentos para locais de chegada onde, em muitos casos, se realocizarão pelo resto de suas vidas deslocadas, ou, ao menos, até o final da narrativa.

Assim como *Rakushisha* e *Azul corvo*, *Hanói* (2013b) também se configura pela alternância de focos narrativos nas histórias da vietnamita-estadunidense Alex e do brasileiro-mexicano-estadunidense David. Além desses, representam-se refugiados e migrantes. Alex era filha de Huong, com o estadunidense, Benjamin. A própria Huong era uma subjetividade híbrida, nascida no Vietnã, filha da vietnamita Linh com um soldado estadunidense. Após o fim da guerra do Vietnã, Huong e Linh exilaram-se na Malásia e depois refugiaram-se nos EUA. A família não tinha contato com o pai de Huong. Outro deslocado é o vietnamita Trung. Durante a guerra do Vietnã, o templo em que vivia como monge foi destruído e o enviaram para um campo de reeducação. Após o fim da guerra, perseguido religioso, refugiou-se primeiro na Malásia e depois exilou-se nos EUA, seguindo, portanto, o mesmo percurso da mãe e da avó de Alex. Tornou-se um pequeno comerciante, em um mercado étnico, onde Alex trabalhava. Com 64 anos de idade, no tempo da narração, vivia a mais de três décadas nos EUA.

A vida já atribulada de Alex complica-se ainda mais a partir do momento em que ela conhece David. Músico amador e trabalhador no comércio, ele nasceu em Chicago, filho único de emigrantes: o brasileiro Luiz e a mexicana Guadalupe. Não há informações sobre a emigração de Guadalupe do México para os Estados Unidos. Já Luiz emigrara de Capitão Andrade, do interior de Minas Gerais. Uma pequena cidade a cerca de 50 km de Governador Valadares, um dos principais pontos de partida de emigrantes brasileiros para os EUA. O processo de idealização da América como terra de oportunidades iniciara-se, na região, com a chegada dos estadunidenses:

Os americanos tinham aparecido em Governador Valadares durante a Segunda Guerra, para coordenar os trabalhos de extração da mica. As gorjetas eram em dólar e daí em diante todo mundo sonhava com a terra dos gringos. Era como se tivessem mordido uma isca – uma isca estrangeira com alto valor no mercado. (LISBOA, 2013b, p. 102)

E, com efeito, ao apresentar a história da jornada migratória de Luiz, os motivos são semelhantes aos que levariam tantas pessoas da região a emigrarem para os EUA: falta de perspectivas na nação de partida, busca por trabalho e melhores condições de vida no local de destino. Entre esses emigrantes brasileiros, muitos viajavam com visto de turista e, quando o visto expirava, se tornavam ilegais. Outros

eram ilegais desde o início: “Às vezes apelavam para o passaporte falso e, como no caso de Luiz, para os mexicanos” (LISBOA, 2013b, p. 102). Ainda próximo ao tempo da narrativa, o sonho americano continuava a ser bastante forte, haja vista que, embora sem sucesso, um sobrinho de Luiz tentara conseguir um visto para ir aos EUA.

Guadalupe deixou a família quando David ainda era criança e o pai, embora não haja informações específicas, Luiz morrera. Sem vínculos familiares e enfrentando o fim de uma relação com a estadunidense Lisa, trabalhando em um serviço mal remunerado no comércio, frustrado por não conseguir fazer carreira como trompetista de jazz e sem convivência com parentes, David descobre um outro problema: uma doença terminal. Deslocado, planeja partir para viver seus últimos dias fora dos Estados Unidos. Primeiro considera, até mesmo, ir para uma cidade que não visitara até então, Capitão Andrade, de onde seu pai emigrara décadas antes. Depois de conhecer Alex, planeja viver seus últimos dias na exótica Hanói, no Vietnã. Naquilo que Alex ironizará como uma busca por um idealizado “cemitério de elefantes”.

Em *Azul corvo*, o Brasil constitui-se como a nação (de) partida, em que as personagens experimentam vidas deslocadas. Em *Hanói*, ainda que de modo diverso, o mesmo ocorreria com Luiz, e, de forma ainda mais dramática, com Linh, Huong e Trung, em relação ao Vietnã. Já os Estados Unidos, inicialmente, se configurariam para emigrantes, expatriados e refugiados como a terra de oportunidades, de busca de um sonho de sucesso material ou de sobrevivência em condições mínimas. Embora se torne um local, muitas vezes, de poucas oportunidades, onde David e Alex, assim como, de certo modo, seus pais, não conseguiram realizar o “sonho americano”.

Todos os santos (2019) configura-se como mais uma narrativa de Adriana Lisboa atravessada por deslocamentos. No romance, a narradora Vanessa e seu companheiro André, nascidos no Rio de Janeiro, trabalham na Nova Zelândia, como biólogos em uma pesquisa transnacional a respeito, simbolicamente, de aves migratórias: “do outro lado do mundo, no fim do mundo (ou no começo?)” (LISBOA, 2019, p. 25). Residiram em Palmerston North, apelidada de Palmy, uma “pequena cidade perdida entre as montanhas” (2019, p. 121). O romance revisita muitos dos temas já abordados direta e indiretamente: deslocamentos internacionais e a busca de um novo lugar fora da nação partida, sobretudo em cidades de pequeno porte.

Além da representação da expatriação de André e Vanessa, há diversas referências a outra expatriada: Isabel. A irmã de André viveu de forma ainda mais

intensa os deslocamentos contemporâneos, trabalhando em diversos países ao redor do mundo, em projetos de apoio a refugiados internacionais. Há várias referências, sem muito detalhamento, quanto aos deslocamentos de Isabel e às dificuldades dos refugiados para atravessar fronteiras. Além disso, acerca desses refugiados, segundo Isabel: “[...] tantas vezes conheço no meu trabalho gente que não queria ter ido embora de casa, mas teve que ir. Na maioria das vezes. [...] Uns querem ir embora, outros preferiam nunca ter ido” (LISBOA, 2019, p. 123). A conversa acontece durante uma conversa entre a narradora, seu pai Jonas e Isabel. Expressa, de modo candente, agruras dos deslocamentos contemporâneos, para refugiados que vivem, tantas vezes, em um mundo com fronteiras.

Literatura Emigrante: narrativas de deslocamentos e realizações fora da nação

No Brasil, em meio a um intrincado contexto histórico, nas últimas décadas, estudos e narrativas literárias de deslocamentos proliferam em diálogo com os rearranjos de fatores econômicos, culturais, literários, bem como identitários, sociais e políticos. Nesse contexto, atenta-se para alguns aspectos relativos a deslocamentos e realizações fora da nação, bem como alude-se à recorrência de representação de personagens em trânsito, que, devido a conflitos nacionais, identitários e/ou subjetivos, deixam a nação (de) partida em busca de um novo lugar.

A leitura empreendida possibilita que se observem, em narrativas de deslocamentos brasileiras, variações sobre o tema, nos tipos e nos motivos dos trânsitos internacionais. Nesse sentido, pode-se considerar que houve uma ampliação dos modos de narrar mobilidades contemporâneas, a partir da segunda metade do século XX, intensificando-se nos anos 2000. Ampliação intimamente associada à expansão da globalização e a problemas políticos e econômicos no Brasil e em outras nações periféricas. Nesse sentido, em muitas narrativas, embora ainda se referenciem “viajantes mundanos” (PIRES, 2014) e personagens que atravessam fronteiras como parte de um processo de formação cultural e demonstração de *status* social, narrativas contemporâneas figurariam trânsitos internacionais e, cada vez mais, simbolizariam a busca de um lugar fora da nação, mediante refúgio, exílio, emigração ou expatriação.

Cabe assinalar, porém, que há peculiaridades na referenciação e representação de deslocamentos em romances de Adriana Lisboa, tanto entre as

narrativas consideradas, como em relação à série literária brasileira, em sua tradição e na contemporaneidade. Quanto à infinidade de deslocamentos internacionais abordados neste artigo, algumas questões, analisadas ao longo de pesquisas, sobretudo em relação a *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, atravessaram e auxiliaram a compreensão dessas diferenças, a saber: a permanência da nação em tempos tidos como pós-nacionais; a recorrência de dificuldades para atravessar fronteiras geográficas e culturais em um pretense “mundo sem fronteiras”; o aumento de hostilidades em relação aos sujeitos deslocados, enquanto se ampliam os deslocamentos internacionais; a intensificação da resistência à hibridação cultural em sociedades multiculturais; os trânsitos para “cidades não-globais”, enquanto as “cidades globais” e cosmopolitas emergem, por vezes como “não-lugares” que incrementam os descentramentos subjetivos e a fragmentação de identidades culturais; a hospitalidade, solidariedade e amizade entre deslocados em um contexto no qual tanto se enfatizam o hiper-individualismo narcisista e a competitividade; o anseio, em meio à falência da família tradicional, pelo retorno à família nuclear, mesmo que heterodoxa; e, correlacionado a cada um desses aspectos ambivalentes e variáveis, a reiterada busca por um lugar de estabilidade e segurança por tantos deslocados, sobretudo fora da nação. Por tudo isso, romances de Adriana Lisboa, sobremaneira após *Rakushisha*, de modos variáveis, constituem-se como narrativas de emigração, de descentramentos e de deslocamentos, mas, ao mesmo tempo, narrativas de re-centramentos e de re-localizações.

Nesse sentido, ao longo desse artigo, apontou-se uma diversidade de narrativas que constituem a vertente das “narrativas de deslocamentos” para fora da nação, com exemplos destas emergindo desde o século XIX, embora foque-se na série literária brasileira no século XXI, com a referência a romances que representam emigrantes e exilados, e, diversamente, turistas, viajantes mundanos, expatriados e estudantes internacionais, com atenção na oscilação e instabilidade desses conceitos. Após tal levantamento, predominantemente referencial e descritivo, observou-se em que medida *Rakushisha*, *Hanói*, *Azul corvo* e *Todos os santos* narram múltiplos tipos de deslocamentos relacionados a experiências distintas de mobilidades (como viagem, emigração, exílio e expatriação). Contudo, considerem-se, aqui, alguns aspectos peculiares e diferenciais entre as narrativas de Lisboa e a série literária anterior à virada do milênio. Assim como personagens de *Fios da Memória*, *Sinfonia*

em *Branco e Beijo de Colombina*, em *Rakushisha*, Celina e Haruki se deslocam para fora da nação em viagens, inicialmente, para turismo e para trabalho, respectivamente. No entanto, embora sigam a longa tradição das narrativas brasileiras de predominantemente aludir a deslocamentos para fora da nação, em *Rakushisha*, há um maior aprofundamento quanto aos efeitos identitários, subjetivos e afetivos dos deslocamentos nas personagens, sobretudo em termos de autoconhecimento, re-centramento e re-localizações subjetivas, sociais e, até, identitárias. Quanto à *Azul corvo*, *Hanói* e *Todos os Santos* constata-se que se diferenciam tanto da tradição, quanto dos romances anteriores de Adriana Lisboa, pois as personagens, além de se deslocarem para fora da nação brasileira, também partem de outras nações, como El Salvador e Vietnã e, inclusive, do local de chegada preferencial de tantos deslocados, os Estados Unidos. Nessas partidas, mesmo se regressam à nação, esse retorno, na maioria das vezes, surge de modo temporário, porque, com poucas exceções, os deslocados (quer sejam migrantes, expatriados ou exilados) vivem e alguns, até mesmo, morrem fora da nação onde nasceram.

Dessa forma, em relação à vertente das “narrativas de deslocamento” na tradição da série literária e entre romances da própria escritora, nunca é demais salientar que há muitas diferenças e contraposições nessa poética dos deslocamentos e re-localizações de Lisboa, por mais que algumas vezes, nesse artigo, tenham-se enfatizado tantas semelhanças e similaridades nessa “literatura emigrante”.

Para concluir, relembrem-se, em uma breve síntese, os diversos e singulares deslocamentos das personagens principais das narrativas emigrantes de Adriana Lisboa, as quais figuram uma multiplicidade de modos de buscar um lugar fora da nação: Haruki transpõe fronteiras para conhecer a si mesmo, reencontrar-se com aquela que perdeu e com a sua identidade hifenizada; Celina viaja para ressignificar o sentido de sua vida; Fernando se exila para ter possibilidades de sub-viver; Vanja se move à procura do pai e de um novo lugar para recomeçar; Alex se desloca para prestar um tributo final ao amante e para escapar, mesmo que apenas momentaneamente, de uma vida atribulada e estafante e, talvez, encontrar raízes; David almeja, mediante a viagem, um lugar para viver em paz seus últimos dias; André almeja um lugar distante daquele cujas memórias de um “acidente” da infância o assombram; Vanessa expatria-se em busca do silêncio, da calma e de estar longe, simbolicamente, das ruínas e ruídos do passado. Assim, na literatura emigrante de

Adriana Lisboa, personagens de origens múltiplas, sobretudo cosmopolitas não-ricas, deslocadas fora da nação (de) partida ou mesmo dos locais de chegada, vivenciam processos múltiplos e complexos de re-localizações contemporâneas, em busca de novos lugares.

Referências

APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2005.

CARVALHO, Bernardo. *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CURY, Maria Zilda; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Immigrant and Ethnic-Minority Writing in Brazilian Literature: A Fundamental Presence. In: SIEVERS, Wiebke; VLASTA, Sandra (ed). *Immigrant and Ethnic-minority writers since 1945: fourteen national contexts in Europe and beyond*. Leiden/Boston: Brill/Rodopi, 2018. p. 77-105.

GONÇALVES DIAS. Correspondência Ativa de Antônio Gonçalves Dias. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 84, 1964. Rio de Janeiro: Div. de Publicação e Divulgação, 1971 [1845], p. 42. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1964_00084.pdf>. Acesso: 11 fev. 2019.

GOMES. Gínia Maria. Migração e exílio em *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, e *Os húngareses*, de Suzana Montoro. *Brasa*, 2015, p. 1-14. Disponível em: <<http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/G%C3%ADnia-Maria-Gomes.pdf>>. Acesso: 15 fev. 2019.

GREEN, Nancy L. Expatriation, Expatriates, and Expats: The American Transformation of a Concept. *The American Historical Review*, v. 114, Issue 2, 1 April, p. 307-328, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/ahr.114.2.307>>. Acesso: 21 fev. 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia as Letras, 2013.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LISBOA, Adriana. *Os fios da memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISBOA, Adriana. *Um beijo de colombina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

- LISBOA, Adriana. *Sinfonia em Branco*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013a.
- LISBOA, Adriana. *Hanói*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013b.
- LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014a.
- LISBOA, Adriana. *Azul corvo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014b.
- LISBOA, Adriana. *Todos os santos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- MELO, Cimara Valim (Org). *Literatura brasileira & contemporaneidade: uma perspectiva transnacional*. Porto Alegre: IFRS; metamorfose, 2019.
- PAMPLONA, Isadora. Quantos brasileiros vivem fora do país? *DW Brasil*, 22.06.2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/quantos-brasileiros-vivem-fora-do-pa%C3%ADs/a-44338466>>. Acesso em: 15 mar. 2019
- PIRES, Maria Isabel Edom. Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, p. 389-403, jul./dez. 2014.
- RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira num mundo de fluxos. *Terceira Margem*, v. 14, n. 23, p. 103-112, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10951>>. Acesso: 25 jul. 2019.
- RESENDE, Vander Vieira de. *Em busca de um lugar: narrativas de deslocamentos e re-localizações, nos romances Rakushisha, Azul corvo e Hanói, de Adriana Lisboa*. 192 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.
- RUFFATO, Luiz. *Flores Artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SAID, Edward. *Reflections on Exile and Other Essays*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o Europeu? In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco. 2002. p. 221-240.
- SCLIAR, Moacyr. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- VAN ROMPAY-BARTELS, Ingrid. *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão*. Tese de Doutorado. Latin-American Studies, Institute for History, Faculty of Humanities, Leiden University, 2015. Disponível em: <<https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/32077>>. Acesso: 25 jul. 2019.

VIEIRA, Nelson. Fora do Brasil – globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural. In: CHIARELLI, Stefania; OLIVEIRA NETO, Godofredo (Orgs.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7letras, 2016. p. 48-63.

Recebido em: 28/02/2021
Aprovado em: 16/04/2021